

A comunicação rural no Jornalismo em TV

Paulo Eduardo Silva Lins Cajazeira¹
Emannuelle Monike Feitosa²

Resumo: Este trabalho de pesquisa procura analisar a comunicação rural na mídia televisiva no programa televisivo "Nordeste Rural", transmitido pela TV Verdes Mares, afiliada à Rede Globo de Televisão, no Ceará. O estudo observa tanto o comportamento jornalístico dos profissionais envolvidos no processo de produção, reportagem e edição do programa, como também o público telespectador: os agricultores do Assentamento Malhada, zona rural do Crato e como convivem com a presença de um veículo de massa tão presente.

Palavras-chave: Comunicação Rural; Telejornalismo; Nordeste Rural.

Introdução

A palavra comunicação deriva do latim *communicare*, que significa "tornar comum", "partilhar", "conferenciar". A comunicação pressupõe, deste modo, que algo passe do individual ao coletivo, embora não se esgote nesta noção, uma vez que é possível a um ser humano comunicar consigo mesmo. Esse papel já vinha sendo desempenhado pelos jornais impressos, mas ainda feitos à base de longos textos corridos. A imagem só apareceu como complemento da notícia por volta de 1880, mais uma vez na Alemanha (já que a prensa de Guttenberg também foi lá), quando passou a se produzir revistas ilustradas graficamente com fotografias.

A comunicação rural é fundamental para o desenvolvimento da agropecuária. Bordenave (1988) explica que "o desenvolvimento rural gira ao redor da comunicação". Os agricultores necessitam tomar decisões sobre a produção agrícola e buscam na comunicação a orientação necessária. Para Weber e Devéns (2010), hoje, a comunicação rural, especialmente aquela ligada a uma política de extensão rural, tem

¹ Professor Adjunto do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Sustentável da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Líder do Grupo de Pesquisas do CNPq - Centro de Estudos e Pesquisa em Jornalismo (CEPEJor).

² Jornalista e Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro do Centro de Estudos e Pesquisa em Jornalismo (CEPEJor).

como foco, além da transferência de tecnologia, as questões de sustentabilidade, administração da propriedade rural, melhoria da qualidade de vida no campo, preservação ambiental, entre outros fatores que também contribuem para a produtividade agrícola, como a convivência com o Semiárido. De acordo com IBGE (2009) existiam mais domicílios com TV (95,7%) do que com rádio (87,0%) e a grande maioria com TV em cores (97,2%) em todo o país. Na zona rural o aparelho está presente em (84,2%). Nota-se que a presença dos meios de comunicação na zona rural, como o rádio e a televisão, está relacionada à função de entreter a comunidade, que geralmente está mais afastada da sede do município. Assim, os agricultores, quando não estão trabalhando na terra, passam a assistir novelas, jogos de futebol, programas de culinária e programas rurais, por causa das ideias apresentadas, dicas, preços dos produtos entre outras informações. No caso das três maiores cidades da RMC, a estatística que representa a presença da TV no município é seguinte: Juazeiro do Norte tem 96,5% das casas com TV, mas 3,53% dos aparelhos estão nas residências da zona rural; Barbalha segue com cobertura de 96,28%, destes 28,58% no campo e no Crato 96,49% das residências têm TV, 14,83% correspondem aos aparelhos com a população da zona rural.

Esse crescimento do número de aparelhos de TV ao campo faz-se levar em conta que mais gente da zona rural tem acesso a informação, notícias e costumes mostrados na telinha da vida da cidade. No caso do meio rural caririense constantemente presente no “Nordeste Rural” é motivo de comemoração para quem “se vê na TV”, mas ao mesmo tempo deve ser questionado o que se fala sobre o Cariri e sua população. Essa pesquisa vem referenciar a importância dos meios de comunicação como agente propagador de notícias, mas também como agente de dominação e manipulação. Qual o meio termo para se retratar o Cariri conforme a realidade do homem do campo dessa região para todo o Ceará?

Para exercer o papel de comunicador rural é preciso estudo, convivência e afinidade com a temática. Segundo Kunsch (1993), a comunicação rural é muito mais complexa do que se pensa. No decorrer dos últimos anos, provavelmente, esse tipo de jornalismo especializado, não mereceu por parte das escolas de comunicação social a atenção devida. Ela ficou impregnada do extensionismo, do funcionalismo e do difusionismo de inovações, sob forte influência dos paradigmas importados,

distanciados, portanto, da realidade Brasileira. Se a preocupação do jornalista estiver meramente no cumprimento técnico da obrigação comunicacional, esse afastamento do território pode distanciá-lo do assunto.

Por isso, é um desafio pesquisar a comunicação rural na TV, a veiculação de notícias e informações sobre o campo, já que se pode construir um legado de “telespectadores-agricultores¹” educados de conhecimentos complementares àqueles que já têm que foram adquiridos ao longo de toda uma vida dedicada ao trabalho campestre.

Análise de Conteúdo do programa Nordeste Rural

Para analisar o conteúdo do programa “Nordeste Rural” (NR), exibido semanalmente aos domingos pela manhã pela TV Verdes Mares para todo o Ceará, foi necessário o acompanhamento integral das 12 edições durante janeiro, fevereiro e março de 2012. Dentre as informações que se fazem necessárias a esse trabalho de pesquisa, ficam em destaque: apenas reportagens que citaram a região do Cariri cearense, o dia de exibição, o assunto da reportagem veiculada de forma abreviada (a retranca do VT, termo jornalístico), o local de gravação (município), o nome do repórter e o tempo final da matéria (após edição).

Durante esses três meses, foi percebido que sobre o Cariri, das 12 reportagens exibidas, 7 ficaram com mais de 2 minutos, e as demais com tempos diferenciados que variaram entre 1 minuto e 22 segundos (a menor reportagem sobre o Cariri sobre colheita de pitomba, fruta nativa) e até 4 minutos e 8 segundos (reportagem sobre colheita da manga, fruta típica, seguida de uma receita educativa para aproveitar melhor a fruta e evitar o desperdício). No “Manual de Telejornalismo”, Barbeiro (2002) explica que o tempo da reportagem é determinado pela importância do assunto e a força das imagens. Daí, a palavra final do que vai ou não ao ar é do editor, no caso do programa NR, em estudo, da editora Susy Costa.

Durante os 12 programas, apenas o do dia 22 de janeiro de 2012 não exibiu nenhuma reportagem sobre o Cariri. Por outro lado percebemos que no dia 5 de fevereiro foram exibidas duas matérias, uma sobre sementes, em Nova Olinda, e outra sobre a paralisação das Obras da Transposição do Rio São Francisco, em Mautiri,

ambas conduzidas pelo mesmo repórter. Por sinal, Franzé Sousa é o profissional do Cariri que mais aparece durante as 12 edições NR, com 10 reportagens.

Quadro 11 - Resumo do programa Nordeste Rural durante os 3 meses de análise

RESUMO "NR"				
DATA	VT	LOCAL	REPÓRTER	TEMPO
Jan/2012				
01/jan	Côco\Catolé	Caririaçu	Franzé	03:58
15/jan	Colheita\Pequi	Crato	Franzé	02:05
22/jan	NÃO TEVE	-----	-----	-----
29/jan	Colheita/Manga+Receita	Crato	Franzé	04:08
Fev/2012				
05/fev	Recebe/sementes	Nova Olinda	Franzé	02:54
05/fev	Obras/Paralisam - Transposição	Mauriti	Franzé	01:34
12/fev	Colheita/Pequi	Jardim	Franzé	02:44
19/fev	Preparativos escolas de samba	Várzea Alegre	Franzé	01:56
26/fev	Carnaval/zona rural	Várzea Alegre	Phenrique	02:09
Mar20/12				
04/mar	Volta/chuva	Missão Velha	Franzé	02:10
11/mar	Aumento/Produção Pitomba	Crato	Franzé	01:22
18/mar	Doença/Cavalos	Brejo Santo	Mary	02:56
25/mar	Colheita / Milho	Missão Velha	Franzé	02:37

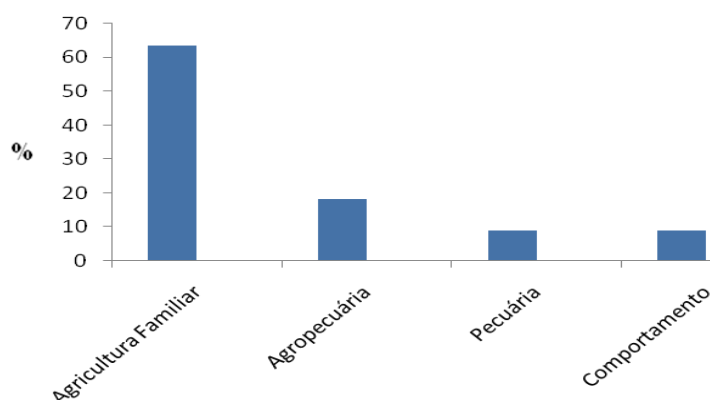
Fonte: Organização da autora, 2012.

A Comunicação Rural deve se concentrar na divulgação de pesquisas de novas tecnologias que chegam à comunidade para o aproveitamento dos recursos locais, servindo, então, como uma forma da comunidade conhecer-se e direcionar-se competentemente para um trabalho, às vezes coletivo, de desenvolvimento local. Conhecendo novos produtos,

tecnologias e pesquisas que se apliquem às plantações e/ou criações, os produtores e trabalhadores rurais podem aprender a lidar melhor com doenças das lavouras, do gado; aprender como produzir mais e com melhor qualidade; treinar melhor seus funcionários; se organizar melhor etc (BONO ROSA, 2008, p. 18).

O Quadro 11 é um resumo do material coletado para a pesquisa durante esse tempo de apuração. Para organizar a análise de conteúdo sobre o Cariri nas 12 reportagens exibidas em 11 programas NR, as notícias foram distribuídas em áreas/editoriais e subáreas/editoriais, as principais temáticas abordadas são: agricultura, políticas públicas governamentais, pecuária e comportamento.

Gráfico 02 - Percentual de notícias do NR segmentadas por áreas/editoriais rurais



Fonte: Organização da autora, 2012.

No gráfico 02 o tema que mais se sobressaiu do Cariri durante esses três meses de análise no NR foi Agricultura Familiar com 63,63% do total. Na sequência vem o tema Políticas Públicas com 18,18% das notícias, Pecuária e Comportamento com 9,09% cada. Esse é um reflexo nítido do perfil agrícola da região do Cariri, leia-se Crajubar (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha). Afinal, a função da notícia é orientar o homem e a sociedade no mundo real (PARK, 1972, p. 183).

Com base no bando de dados do IBGE, através do sistema de recuperação automática – SIDRA, obtivemos tabelas e planilhas que compõem o acervo do censo agropecuários nos anos de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1985, 1996, 2006 e da

produção agrícola municipal das três cidades do Crajubar, nos anos de 1990 a 2010. Na metodologia proposta por Homem de Melo (2001), a qual define os estabelecimentos familiares como aqueles com até 100 hectares de área agrícola total, considerando como estabelecimento familiar aquele cuja área em hectares seja \leq de 100 haⁱⁱ e estabelecimento não familiar aquele cuja área ultrapasse 100 hectares de área total (Tabela 01).

Tabela 01 - Situação das áreas da agricultura temporária em 2006

Município	Área da agricultura temporária (ha)	Área \leq 100 (ha)	Área $>$ 100 (ha)	Área da agricultura familiar (%)
Barbalha	4295	2643	1652	61,54
Crato	6570	3384	3186	51,51
Juazeiro do Norte	1568	1416	152	90,31

Fonte: Censo agropecuário IBGE, 2006.

Observa-se na Tabela 01 que o município do Crato aparece com a maior área dedicada à agricultura temporária. No entanto, o percentual da área rural dedicada à agricultura familiar está abaixo de Barbalha, que aparece com 61,54% e Juazeiro do Norte, que lidera com mais de 90% (90,31%). Isso significa que mesmo Juazeiro do Norte tendo uma área agrícola menor, as atividades desenvolvidas nesse espaço são proporcionalmente maior, do que nos outros municípios vizinhos do Crajubar.

Tabela 02: Quantificação dos estabelecimentos familiares e não familiares em 2006

Município	Nº de Estabelecimentos agricultura Temporária	Nº de Estabelecimentos da A.F. (\leq 100 ha)	Nº de estabelecimentos não familiares ($>$ 100 ha)	Estabelecimentos da AF (%)
Barbalha	1895	1870	25	98,68
Crato	2566	2532	34	98,67
J. do Norte	1342	1331	11	99,18

Fonte: Censo agropecuário IBGE, 2006.

Na Tabela 02 Juazeiro do Norte (1342) aparece com menos estabelecimentos na agricultura temporária, porém com maior percentual de estabelecimentos na agricultura familiar (AF), 99,18%. Já o Crato tem mais estabelecimentos na agricultura temporária (2566), entretanto mais estabelecimentos que não são familiares (34) e menos na AF

(98,67). Barbalha aparece em segundo lugar nas três categorias: 1895 estabelecimentos na agricultura familiar, 25 não são familiares e 98,68% são da AF.

Tabela 03: Produção da agricultura familiar e não familiar de Barbalha.

Produção Barbalha	Produção total (kg)	Produção da agricultura familiar (kg)	Produção não familiar (kg)	% da produção da AF
Arroz	133.706	122.786	10.920	91,83
Feijão	2.067.920	1.955.530	112.390	94,57
Mandioca	2.771.336	2.591.089	180.247	93,50
Milho	2.762.987	2.518.177	244.810	91,14

Fonte: Censo agropecuário IBGE, 2006.

Na tabela 03 vemos que de acordo com Censo Agropecuário do IBGE realizado em 2006, a produção agrícola familiar em Barbalha é formada basicamente de quatro itens: arroz, feijão, milho e mandioca, com maior produção em kg: 2.591.089, que corresponde a um pouco mais de 2 mil toneladas e meia do produto.

Tabela 04: Produção da agricultura familiar e não familiar do Crato.

Produção Crato	Produção total kg	Produção da agricultura familiar kg	Produção não familiar kg	% da produção da AF
Arroz	1.497.833	1.260.203	237.630	84,14
Feijão	2.092.242	1.818.374	273.868	86,91
Mandioca	568.677	501.577	67.100	88,20
Milho	9.757.336	8.945.220	812.116	91,68

Fonte: Censo agropecuário IBGE, 2006.

Na tabela 04 temos o Censo 2006 referente ao município do Crato, onde a produção de milho se destaca das demais, com 8.945.220 Kg, isto é, quase nove mil toneladas. Sendo que 91,68% dessa produção vem da Agricultura Familiar.

Tabela 05: Produção da agricultura familiar e não familiar de Juazeiro do Norte.

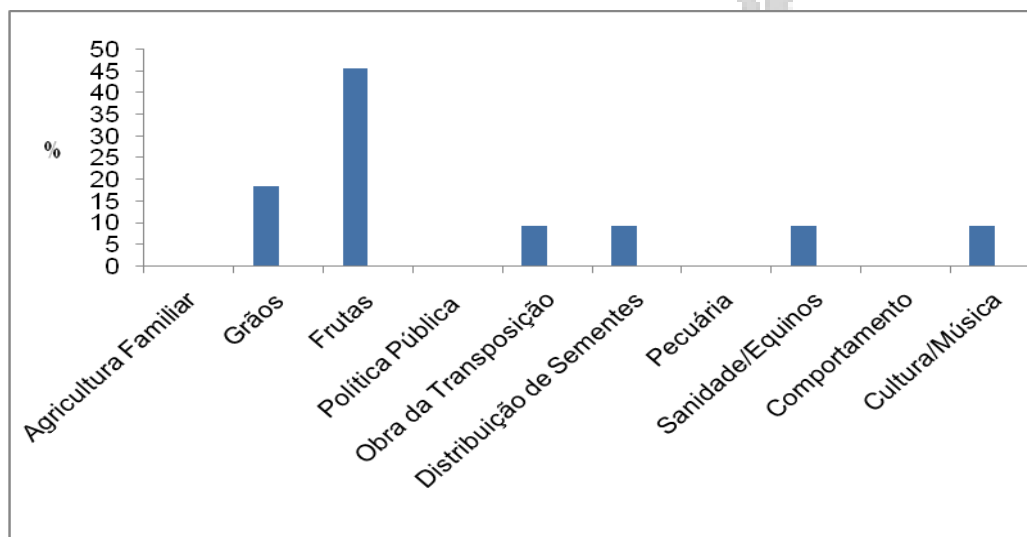
Produção Juazeiro do Norte	Produção total kg	Produção da agricultura familiar kg	Produção não familiar kg	% da produção da AF
Arroz	1.249.486	352.439	897.047	28,21
Feijão	190.324	155.285	35.039	81,59
Mandioca	40.295	13.745	26.550	34,11
Milho	756.145	487.575	268.570	64,48

Fonte: Censo agropecuário IBGE, 2006.

A tabela 05, por sua vez, mostra que o município mais populoso da Região Metropolitana do Cariri é também o que tem menor área agrícola. Ainda sim, os agricultores colheram 487.575 kg de milho, o que dá aproximadamente 487 toneladas do grão.

A atividade agrícola básica na Região Metropolitana do Cariri é a agricultura de subsistência mais diversificada do que se viu durante os três meses de NR. Nos grãos, os pequenos produtores investem em plantios de: milho e feijão, muitas vezes consorciado para aproveitar melhor o rendimento do espaço, os insumos, a água seja da chuva ou de poço, através da irrigação e a mão-de-obra (CAETANO *et al.*, 1999).

Gráfico 03 - Percentual de notícias do NR segmentadas por subáreas/editoriais rurais



Fonte: Organização da autora, 2012.

Observamos que as áreas temáticas no programa Nordeste Rural, por sua vez, apresentavam ainda subáreas dentro da editoria Cariri/rural. Nessa parte da AC, o gráfico 03 mostra que, dentro da Agricultura Familiar, o assunto frutas (colheita de pequi, manga, pitomba e côco catolé) é o que mais aparece, com 45,45% de prevalência; seguido de grãos (milho, feijão) com 18,18%; Políticas Públicas governamentais (Distribuição de Sementes e Obra da Transposição); por último estão as subáreas Sanidade/Equinos (doenças comuns em cavalos) e Cultura/Música (Escolas de samba na zona rural de Várzea Alegre).

Quanto à linguagem utilizada nas 12 reportagens analisadas é um discurso jornalístico-informativo, ao mesmo tempo coloquial, mesmo quando se trata de uma fala mais técnica-científica, há explicação em seguida. Como, por exemplo, é possível

observar nesse trecho da reportagem sobre Doença/Cavalos. Na primeira parte do texto (*OFF*) a repórter Mary Landim cita o nome da doença que está contaminando os equinos da região e em seguida há mais detalhes: como diagnosticar, os vetores da doença e formas de contaminação.

RETRANCA: DOENÇA/CAVALOS

EXIBIDA EM: 18 DE MARÇO

TEMPO: 2'56"

OFF 1

SEU ELIÉZIO TEM TODO CUIDADO E CARINHO COM OS ANIMAIS, QUE HÁ DOIS ANOS DECIDIU CRIAR./ SÃO CAVALOS DA RAÇA QUARTO DE MILHA./ COM A INFORMAÇÃO DA DOENÇA DE OUTROS EQUINOS DA REGIÃO, O CRIADOR ESTÁ PREOCUPADO EM PERDER O INVESTIU./ POR CAUSA DA ANEMIA INFECCIOSA EQUINA, ELE TEM EVITADO ESPAÇOS IMPROPRIOS PARA EXIBIR E NEGOCIAR./

OFF 2

O VÍRUS PODE SER TRANSMITIDO POR VETORES MECÂNICOS COMO PIOLHOS, CARRAPATOS, MOSCAS, INSTRUMENTOS CIRÚRGICOS, AGULHAS E ESPORAS./ PODE ACONTECER TAMBÉM PELA PLACENTA E ATRAVÉS DO COLOSTRO, QUE É O PRIMEIRO CONTINUAÇÃO DE LEITE PRODUZIDO PELA ÉGUA, E QUE PODE LEVAR A CONTAMINAÇÃO AOS FILHOS. POR ISSO É IMPORTANTE QUE O TESTE SOROLÓGICO SEJA FEITO EM ANIMAIS QUE FORAM EXIBIDOS EM FEIRAS E EXPOSIÇÕES, E QUE FIQUEM, COM REGULARIDADE, EM FAZENDAS E HARAS.//

Conforme as AC foram sendo construídas ao longo dos três meses de estudo do programa NR, o telejornal rural apresenta seu conteúdo, seja no texto lido pela apresentadora, seja pelo texto da reportagem, algumas particularidades, como: manter o

linguajar coloquial, chega a dar uma impressão que a TV conversa com o agricultor em certos momentos e até convida o telespectador a ver a cena (imagem) que está no ar. E no final da reportagem ele enfatiza a palavra de um técnico agrícola para dar mais credibilidade à realidade encontrada no campo, como se o verbo antes de chamar a entrevista de alguém fosse destacada, referenciada por esse verbo que liga a pessoa/instituição ao assunto

RETRANCA: COLHEITA/MANGA

EXIBIDA EM: 29 DE JANEIRO

TEMPO: 4'08"

OFF 1

NAS ENCOSTAS DE SERRA DO CARIRI, EXTREMO SUL DO CEARÁ, OS PÉS DE MANGA SE MISTURAM À VEGETAÇÃO NATIVA DA FLORESTA DO ARARIPE./ NESSE PERÍODO, UMA PARTE DAS ÁRVORES DE ATÉ 40 METROS DE ALTURA, FLORA, E A OUTRA DÁ FRUTOS./ É TANTA MANGA QUE A SAFRA ACABA EM DESPERDÍCIO!! VEJA COMO FICOU DEBAIXO DESSA MANGUEIRA!/ ...

OFF 3

BOM SE HOUVESSE INCENTIVO PRA MANGA SER INCLUÍDA NA MERENDA ESCOLAR, CONTA UMA DAS RESPONSÁVEIS PELA EDUCAÇÃO NO MEIO RURAL HÁ 26 ANOS!//

CONTINUAÇÃO “COLHEITA/MANGA”

Figura 33 – Safra de manga no Crato, encosta da Chapada do Araripe.



Fonte: Reprodução da reportagem da TV Verdes Mares Cariri para NR.

OFF 4

O TÉCNICO DA EMATERCE, UM DOS ENCARREGADOS PELA ÁREA DE FRUTICULTURA NO CARIRI,

APONTA ALTERNATIVA PRA DIMINUIR O DESPERDÍCIO.//

O QUE A GENTE PODERIA FAZER SERIA SE UNIR E PROCURAR JUNTO AOS ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS, PROPOSTAS E PROJETOS, PQ EXISTEM ESSES PROJETOS, DIGAMOS PARA FAZER UMA MINI OU MICRO AGROINDÚSTRIA PARA TRANSFORMAÇÃO DESSE, DESSAS FRUTAS EM POLPA. E ESSA POLPA PODERIA SER ARMAZENADA POR UM ANO OU ATÉ MAIS, DEPENDENDO DE COMO ELA SEJA ARMAZENADA E POSSIVELMENTE SER VENDIDA PARA PROJETOS E PROGRAMAS, COMO PAA, UM PNAE, FOME ZERO.

No OFF 3 o repórter usa o verbo “*conta*” para deixar a cargo da educadora rural a cobrança direta aos governantes. No texto seguinte é o técnico da EMATERCE (entidade de assistência rural no Ceará) quem “*aponta alternativas*” para solucionar a perda da safra dessa fruta nativa no Crato. O campo precisa de políticas públicas que evitem o desperdício da fruta, o que pode ser entendido como iniciativa sustentável, tendo em vista que se a fruta é nativa, sendo aproveitada na merenda escolar seria uma solução para gerar renda aos produtores rurais do Crato, ao mesmo tempo em que o alimento da terra chegaria ao prato para saciar a fome dos estudantes do mesmo município. Simplicidade que pode passar despercebida, mas que com sensibilidade essa política pública reforçaria a evasão do homem do campo para a cidade, reforçaria seus laços com sua terra e com o meio ambiente em sua volta que o alimenta, um estímulo à preservação ambiental. A reportagem mostrou apenas uma cobrança superficial olhando apenas para a solução de um único problema: evitar o desperdício. Quando o contexto local pode ser e é mais condensador e motivador para a busca de uma solução.

Assim também aconteceu de forma semelhante na reportagem sobre a COLHEITA/PEQUI. No OFF 1 a frase “*quando cai naturalmente*” mostra a realidade da colheita de uma das frutas mais típicas do Nordeste e que é nativa da Chapara do Araripe. Sem desmatar, sem precisar de irrigação o agricultor entra na mata e cata o pequi aos montes. Só nessa localidade do Crato onde a reportagem foi gravada, os produtores conseguem catar 8 mil pequis por dia e ainda dá pra estocar no congelador e garantir uma boa renda na entressafra do produto. Essa também é uma forma sustentável do produtor rural sobreviver, cuidar da natureza, armazenar produto e vender com facilidade sem prejudicar o presente ou o futuro da Chapada, por exemplo. Mas, nada relacionado à atitude correta do agricultor é falada, comentada, explicada na reportagem.

Gonçalves (2008) fala que, nestes casos, o repórter tem o papel de fazer a mediação entre o científico e o popular, dotando o discurso de características didáticas, praticando a divulgação científica, muitas vezes de questões bastante complexas. “[...] o desenvolvimento acontece quando se introduzem entre os agricultores novas idéias, de maior eficiência produtiva, de maneira tal que as inovações sejam difundidas e os agricultores efetivamente as adotem” (BORDENAVE, 1983, p. 31).

RETRANCA: ESCOLA DE SAMBA/VÁRZEA

EXIBIDA EM: 19 DE FEVEREIRO

TEMPO: 1'56"

Figura 34 – “Unidos do Roçado de Dentro” começando o desfile ainda no campo



Fonte: Reprodução da reportagem da TV Verdes Mares Cariri para NR.

Figuras 35 - Bateria da Escola de Samba “Unidos do Roçado de Dentro” desfila nas avenidas da cidade de Várzea Alegre.



Figuras 36 – Carro alegórico da Escola de Samba “Unidos do Roçado de Dentro” desfila nas avenidas da cidade de Várzea Alegre.



Fonte: Reprodução da reportagem da TV Verdes Mares Cariri para NR.

OFF 4

EM DOIS-MIL-E-DOZE, O "ROÇADO DE DENTRO" CANTA O TRIBUTO A VÁRZEA ALEGRE COM COMISSÃO DE FRENTE ILUMINADA.// CARRO ALEGÓRICO COM AS MUSAS DA CIDADE.// E UM SHOW DE SAMBA NO PÉ DOS PASSISTAS.//

#PASSAGEM - VÁRZEA ALEGRE - PH - A ESCOLA UNIDOS DO ROÇADO DE DENTRO TEM QUASE 50 ANOS/ MEIO SÉCULO EM QUE A BATERIA TEM SEMPRE UM DESAFIO A MAIS./ PERCORRER 3 KM DE ESTRADA DE CHÃO ATÉ CHEGAR À CIDADE, PARA APRESENTAR O SAMBA.//

Não é comum ser noticiado em TV, leia-se programas rurais ou não, escolas de samba formadas na zona rural e só por agricultores. No caso da “Unidos do Roçado de Dentro”, que fica em Várzea Alegre, é a única que se tem conhecimento em todo Ceará, sendo inclusive destaque no Globo Rural de 2012, na mesma semana em que foi exibida a reportagem da TV Verdes Mares Cariri no Nordeste Rural. O fato de que as escolas de samba mais populares e conhecidas ficam no Rio de Janeiro, causa estranhamento e inquietude em quem vê a “Unidos do Roçado de Dentro” da mídia. O filósofo francês, Guy Debord, na década de 60 disse que “tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação [...] é a dicotomia entre mundo real e mundo simbólico (DEBORD, 2005, p. 13)”. Logo, o historiador Rebouças (2010) lembra que o carnaval do Rio de Janeiro começou ainda quando o samba nem era o ritmo oficial, quando o som que prevalecia nesse tipo de comemoração era as polcas e as marchinhas,

No final do século XVIII, os foliões se divertiam lançando limões de cheiro nos outros, dentro das casas senhoriais. A inserção de bailes de máscara, na cidade do Rio de Janeiro, se deve à influência da **cultura carnavalesca francesa** no Brasil, principalmente depois da independência de nosso país, época em que os brasileiros buscaram se afastar das práticas culturais lusitanas. Os bailes de máscara conquistaram grande sucesso e, ao imitar o passeio do carnaval romano, as famílias começaram a se deslocar para os bailes através de carruagens abertas, o que permitia expor suas luxuosas fantasias, além de participarem do movimento do carnaval de rua. Era o entrudo “burguês” das carruagens luxuosas e

seus componentes fantasiados, atraindo a curiosidade dos foliões de rua. Tais passeios começaram a ficar independentes do trajeto dos bailes, em 1855, foi criado o desfile do **Congresso das Sumidades Carnavalescas** (*Idem, grifo nosso*).

Daí o entendimento de que a criação da ESURD – Escola de Samba Unidos do Roçado de Dentro, em Várzea Alegre, foi inspirada nos desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, que após a chegada da TV ao Brasil, em 1950, passou a ser mostrado em cadeia nacional. Com o nascimento da primeira escola de samba no rio, em 1928, posteriormente as comunidades se uniram para criar suas próprias agremiações. Na década de 50, ocorre a incorporação da classe média aos desfiles; as escolas de samba, antes perseguidas, passam a significar um elemento de status carnavalesco que se ampliaria no decorrer do século XX (Rebouças, 2010).

Na década de 20, os bailes de máscara conquistaram grande sucesso e, ao imitar o passeio do carnaval romano, as famílias começaram a se deslocar para os bailes através de carruagens abertas, o que permitia expor suas luxuosas fantasias, além de participarem do movimento do carnaval de rua. Era o estruendo “burguês” das carruagens luxuosas e seus componentes fantasiados, atraindo a curiosidade dos foliões de rua (*idem, Ibidem*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que a linguagem televisiva tenha esse formato de frases curtas, palavras objetivas e substituídas a todo tempo por sinônimos para evitar repetições, não justifica a ausência durante 12 programas em 3 meses de qualquer palavra, frase, conteúdo que remeta a situação real encontrada no campo: um agricultor que luta para sobreviver no Cariri em meio às dificuldades e que preserva e se preocupa com o meio ambiente, não por entender de sustentabilidade, mas por entender que a “terra” é o que ele tem de mais precioso.

Conforme Orlandi (2000, p.18) todo discurso nasce em outro (sua matéria-prima) e aponta para outro (seu futuro discursivo). Cada fala ou texto sintoniza um ou vários discursos e é incompleto e cheio de intervalos porque nasce de um discurso, se reformula e remete a um novo discurso. Entendemos que mesmo diante da falta do uso de termos “sustentável”, “sustentabilidade, o programa mostrou na maior parte das matérias um Cariri possível de se plantar, com iniciativas bem sucedidas, solo fértil, mas se conheceu também uma região com pouca assistência dos governos e das políticas públicas de auxílio à permanência do homem no campo no campo com qualidade de vida.

Para Serra (2006), a televisão é um veículo de comunicação transformador e o ser humano, na condição de poder optar por aquilo que quer, tem papel fundamental nessa transformação. No caso do NR ainda é preciso que sejam feitas algumas mudanças pela equipe de jornalistas do programa e pela empresa para que o público-alvo de maior interesse no tema possa interagir e participar, afinal é para eles, os agricultores, que o Nordeste Rural é realizado.

Referências

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **Comunicação Rural: discurso e prática**. In: XI Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1988.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **Comunicação Rural: discurso e prática**. In: BRAGA, Geraldo Magela; KUNSCH, Margarida M. Krohling (org). **Comunicação Rural: discurso e prática** – Trabalhos apresentados no XI Congresso Brasileiro de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom (2 a 7 de setembro de 1988 : Viçosa). Viçosa: UFV, 1993.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CAETANO, L.C.S; FERREIRA, J.M; ARAÚJO, M.L. **Produtividade de cenoura e alface em sistema de consorciação**. **Horticultura Brasileira**. Brasília, v.17, n.2, p.143-146, 1999.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

GONÇALVES, Elizabeth Morais. **A construção do discurso sobre o meio rural: uma análise do programa “Globo Rural”** (2008). Disponível em:

http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/a/a8/GT7_-_016.pdf Acesso em: 20 dez. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – **CENSO 2010** [on line]. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/> - Acesso em: 05 jan. 2012

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – **Censo Agropecuário 2006** [on line]. Número de estabelecimentos agropecuários e área dos estabelecimentos por utilização das terras, condições do produtor em relação às terras, tempo em que o produtor dirige o estabelecimento, grupos de área total e associação à cooperativa e/ou à entidade de classe. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&c=854>>. Acessado em: 20 dez. 2012.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA-INCRA. **Novo Retrato da Agricultura Familiar: O Brasil Redescoberto**. Brasília: FAO, 2000.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ (IPECE). **Perfil Básico Municipal – Barbalha, Crato e Juazeiro do Norte**. Fortaleza, 2012. [on line]. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/PBM_2006/Barbalha.pdf> Acesso em: 15 fev. 2013.

KUNSCH, M. M. K. Apresentação. In: BRAGA G. M., KUNSCH, M. M. K. **Comunicação rural-discurso e prática**. Viçosa: Imprensa Universitária, 1993

ORLANDI, Eni P.; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. **Vozes. Contrastes: discurso na cidade e no campo**. São Paulo: Cortez, 1989.

PARK, Robert. **A notícia como forma de conhecimento**. In: STEIN-BERG, Charles S. (Org). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1972.

REBOUÇAS, Fernando. **Carnaval do Rio de Janeiro**. 2010. Disponível em:

< <http://www.infoescola.com/carnaval/carnaval-do-rio-de-janeiro/>> Acesso em:

18 dez. 2012.

SERRA, Paulo. **A televisão e a visibilidade como variável estética**. Universidade da Beira Interior. 2006. Disponível em <www.bocc.ubi.pt>. Acesso em 02 de janeiro de 2013.

ⁱ Termo utilizado pela pesquisadora para falar sobre os agricultores inseridos em regiões onde há produção jornalística rural local.

ⁱⁱ Abreviação de hectares.